



**OLÁ, EDUCAÇÃO FÍSICA! MEU NOME É SUELY ROLNIK...**

**HELLO PHYSICAL EDUCATION! MY NAME IS SUELY ROLNIK...**

**¡HOLA EDUCACIÓN FÍSICA! MI NOMBRE ES SUELY ROLNIK...**

Pedro Xavier Russo Bonetto,  
Universidade do Pernambuco (UPE)  
Rubens Antonio Gurgel Vieira,  
Faculdade Federal de Lavras (UFLA)

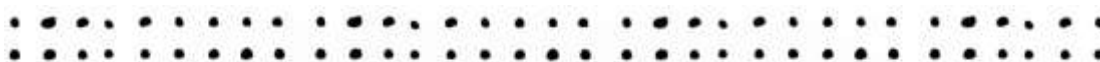
#### APRESENTAÇÃO

Meu nome é Suely Belinha Rolnik<sup>1</sup>, psicanalista, filósofa, professora e fundadora do Núcleo de Estudos da Subjetividade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)<sup>2</sup>. Meu trabalho inspira-se diretamente no contexto sociocultural dos anos 1960, 1970 e 1980, primeiramente como aluna de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo (USP), depois dentro dos movimentos de contracultura, em plena ditadura civil-militar. Nesse contexto, fui presa com mais seis amigos (como tantos outros de minha geração), só que tivemos o azar de sermos usados para uma campanha da polícia federal na mídia contra o movimento contracultural, que produziu uma imagem que nos desqualificava inteiramente.

Ao ser solta, me exilei na Europa, mais precisamente na França. De passagem por Paris, fiz a Graduação de Filosofia em Vincennes, onde acompanhei por muitos anos as aulas de professores como Gilles Deleuze, Jean-François Lyotard, François Châtelet, etc.

<sup>1</sup>As informações biográficas desse trecho foram consultadas a partir da referência Rolnik (2007), que não foi indicada no texto para garantir os efeitos do gênero literário aqui apresentado.

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/suely%20rolnik.htm> Acesso em: 10 de maio de 2023.



Colégio Brasileiro de  
Ciências do Esporte  
Associado à SBPC



UnB Faculdade de  
Educação Física

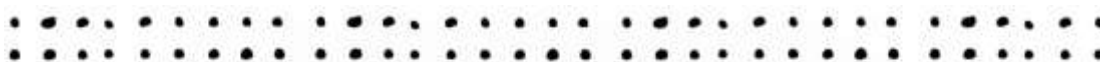




Nessa mesma ocasião, me aproximei de uma multiplicidade de movimentos sociais e revolucionários, relacionados com as chamadas revoltas de *Maio de 68*. Um desses encontros foi com Félix Guattari e a prática clínica que ele desenvolvia na instituição *La Borde*, mundialmente reconhecida por promover experiências clínicas e teóricas de luta contra o conservadorismo da psiquiatria, psicologia e, inclusive, da então crescentemente popular psicanálise. Também fiz parte da fundação de um movimento amplo denominado Rede Internacional de Alternativas da Psiquiatria e, nos últimos anos antes de voltar ao Brasil, estava dando aula de Análise e Psicoterapia institucional em uma faculdade de enfermagem.

No ano de 1979, depois de dez anos na França, voltei ao Brasil, não só porque a ditadura já estava se abrandando, mas porque eu própria já tinha tratado suficientemente minhas feridas do trauma da prisão. Chegando ao Brasil, procurei oportunidades de trabalho na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Diante de todo o contexto político e intelectual de abertura política e cultural que fazia parte do encerramento da ditadura, além do grande apoio da professora Sílvia Lane, consegui aulas na graduação e na pós-graduação dessa universidade. Naquele espaço trouxe para o debate nacional essa relação entre o posicionamento político “de esquerda” e a dimensão psíquica das mudanças sociais.

Usando a linguagem da época, eu tratava de pensar a relação entre revolução e subjetividade, revolução e desejo, política e subjetividade, política e desejo, história e subjetividade, história e desejo, etc. As referências da Sílvia eram as que ela pôde ter com sua formação marxista. Seu universo era, principalmente, de psicólogos russos, que tinham pensado tais questões com todas as vantagens e limitações do pouco lugar que estas tiveram na revolução russa a partir de um certo momento. Por sua vez, as minhas referências eram outras; vinha de uma experiência na França em que o uso do marxismo para pensar o psicológico ou os arremedos de mistura entre o marxismo e o freudismo já tinham sido feitos por vários franceses. O momento que eu vivi lá já não era esse: ao invés de somar Marx e Freud, tentava-se criar outras teorias da subjetividade que haviam



Colégio Brasileiro de  
Ciências do Esporte  
Associado à SBPC



UnB Faculdade de  
Educação Física





digerido criticamente ambos, assim como tudo o que os freudianos e marxistas trabalharam depois, para construir outra coisa.

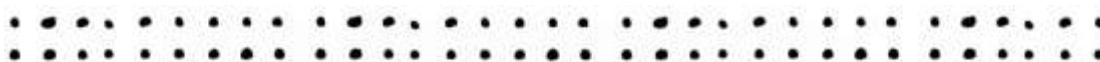
Além disso, era o momento pós-1968 e, uma das características específicas do movimento na França foi, justamente, o de tentar juntar contracultura e ativismo, o que implicava trabalhar teoricamente a articulação entre micro e macropolítica. O momento era o de um pós-marxismo-freudismo e, além do mais, a década de 1970 é quando o neoliberalismo estava se instalando na França, de modo que este capitalismo pós-industrial colocava questões fundamentais para quem trabalha com subjetividade.

No campo da Psicologia, durante um bom tempo, permaneci mais na Psicologia social do que na clínica, porque eu encontrava ali mais ressonâncias com o tipo de questões que me interessava trabalhar. A minha tese de doutorado, sob orientação da professora Marilena Chauí, também foi na Psicologia social. Além do mais, nessa área que fiz o concurso para professora titular.

## **SOBRE A MINHA FILOSOFIA**

Desde meu retorno ao Brasil, tenho sido uma das pioneiras no desenvolvimento das aproximações entre a filosofia da diferença, produzida por Gilles e Félix, no âmbito da psicologia. E isso aconteceu, especialmente, a partir de 1982, com a vinda de Guattari ao Brasil a meu convite. Naquele momento, que efervescia de desejo por libertação da ditadura, organizei, então, uma agenda de dois meses espalhadas por cinco estados brasileiros, em que Guattari participaria de conferências, mesas-redondas, reuniões públicas e uma série de outros eventos formais e informais em diversos âmbitos sociais que foram além dos muros acadêmicos. Os registros e transcrições do percurso, uma espécie de diário de bordo, comporia um dos meus principais livros.

“Micropolítica: Cartografias do Desejo” (2013), é, portanto, uma escrita em coautoria com Félix, publicado originalmente em 1986. Nesse, a cartografia apresentada buscou mapear movimentos sociais que indicavam a presença de revoluções moleculares, forças subjetivas da política do desejo que apresentavam vitalidade micropolítica. O



Colégio Brasileiro de  
Ciências do Esporte  
Associado à SBPC



UnB Faculdade de  
Educação Física





engajamento político é sempre pela liberação dos processos desejantes, especialmente no Brasil, donatário de uma “uma cartografia perversa, poderosamente estabelecida. Cartografia colonial, escravocrata, ditatorial e capitalista” (p. 09).

Posteriormente, estabeleci, na minha mencionada tese de doutorado, a cartografia como método de pesquisa, obra que posteriormente foi publicada em forma de livro no ano de 1989, denominada “Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo” (2016). Na tese defendo que, se para os geógrafos a cartografia é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo em que os movimentos de transformação da paisagem, diferindo-se de um mapa como representação estática, as paisagens psicossociais também são cartografáveis. A tarefa do cartógrafo, a partir dessa premissa, é dar abertura aos afetos que pedem passagem, com uma prática que diz respeito às estratégias das formações do desejo no campo social, independentemente de seu objeto de estudo.

Para tanto, defino ainda o trabalho cartográfico a partir das relações de proximidade com o trabalho do psicólogo social, micropolítico, esquizoanalista e analista do desejo (GUATTARI; ROLNIK, 2013). Cada aspecto da atividade do cartógrafo demanda uma especialidade na análise. O pesquisador será cartógrafo ao criar sentidos a partir de um contínuo movimento de resignificação, ao acompanhar processos e nos relacionamentos com pessoas, contextos, locais, livros, teorizações, enfim, toda sorte de encontros, o cartógrafo de alguma maneira canibaliza pensamentos, se nutre dos encontros para potencializar seu modo de operar. Escrevi certa vez: “o cartógrafo é, antes de tudo, um antropófago” (ROLNIK, 2016, p. 23).

Ainda na obra com Guattari, asseveramos que a maior produção do capitalismo é a subjetividade capitalística, pois por todos os lados, nos mais diversos contextos, há uma confluência de desejos por dinheiro, fama, sucesso, consumo, poder, acúmulo. “Todos os devires singulares, todas as maneiras de existir de modo autêntico chocam-se contra o muro da subjetividade capitalística” (GUATTARI; ROLNIK, 2013, p. 50). Desse modo, descrevemos que a subjetividade capitalista precisa ser constantemente produzida e



Colégio Brasileiro de  
Ciências do Esporte  
Associado à SBPC



UnB

Faculdade de  
Educação Física





cumpre três funções: a culpabilização, a segregação e a infantilização, que juntas produzem sentimentos de solidão, inferioridade, incapacidade, dependência e culpa sobre todos aqueles que tentam novas formas de se colocar no mundo.

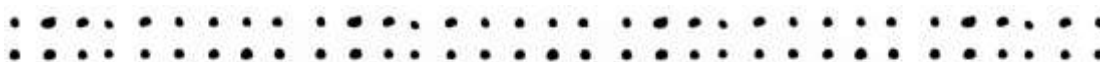
Mais recentemente, escrevi a obra “Esferas da Insurreição: Notas para uma vida não cafetinada” (2018), que traz para o debate filosófico contemporâneo a possibilidade de pensar os dias de hoje (a atual conjuntura política brasileira) a partir de conceitos psicanalíticos e filosóficos. O fio condutor é o que eu denomino de descolonização do inconsciente, bem como a prática micropolítica que se dá sobre os processos de subjetivação. Assim, a partir do conceito de inconsciente colonial-capitalístico, discorro sobre os efeitos em nossos corpos, o abuso da vida “cafetinada”, em que a base da economia capitalista nos agencia, controla e limita. Descrevo, que a fonte da qual o regime capitalista mundial extrai sua força não é mais apenas econômica, mas também intrínseca e indissociavelmente cultural e subjetiva, o que lhe confere um poder ainda mais perverso, amplo, sutil e difícil de combater.

Dessa forma, afirmo que a busca de potência de criação em nós mesmos, para liberar a vida de sua cafetinagem, e trago, como exemplo, a obra de arte com a fita de Moebius da artista Lygia Clark<sup>3</sup>, uma superfície topológica na qual o extremo, de um dos lados, continua no avesso do outro e propõem que cada leitor faça com a fita o seu próprio caminhando. Ainda nessa obra, discorro sobre uma proposta micropolítica ativa, pautada na bússola ética, isto é, em que o movimento deve apontar sempre em favor da vida como força de criação, uma vida que afirma a diferença, totalmente diferente da forma como operam o neoliberalismo e (neo) conservadorismo.

Como estratégia de luta contra essas subjetividades capitalísticas, faço a comparação entre: as macropolíticas que estão relacionadas ao ato de denunciar, empoderar, conscientizar, pautados numa bússola moral e em um sujeito racional e essencializado; com as práticas micropolíticas, ao anunciar, potencializar, pautadas na

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UFo9UZZBBUU> Acesso em 10 de maio de 2023.





bússola ética, operando pela afirmação e estão atreladas aos afetos para a construção de um comum não totalizante.

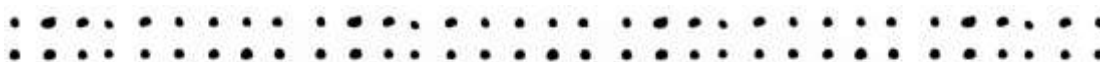
## COMO POSSO AJUDÁ-LOS

Na esteira dessas obras, o método cartográfico exposto pode ser uma das minhas mais importantes contribuições, algo que se constituiu transdisciplinar e que hoje está inspirando pesquisas com a Educação Física (GHERES, 2019; VIEIRA, 2020; 2022; BONETTO; VIEIRA, 2021; BONETTO, 2021).

No âmbito educacional, as dez sugestões para uma contínua descolonização do inconsciente também são elementos que propiciam a reflexão de uma forma interseccional, potencializando o pensamento criador e micropolítico e, apesar de não ter escrito especialmente sobre educação, muito menos sobre Educação Física, creio que tais reflexões podem ajudar os professores e professoras a pensar ações, currículos, práticas pedagógicas, que aliadas às atividades macropolíticas já bastante presentes dentro da escola, tenham agora o intuito da potencialização da vida e do pensamento, em suas infinitas condições de diferença.

Sobre um conceito muito utilizado por vocês, o de cultura, que tal pensarmos nele como Guattari dizia: “cultura é um conceito reacionário” (GUATTARI; ROLNIK, 2013, p. 21), pois delimita espaços e, mesmo sem pretender, combate pensamentos diferentes que poderiam desestruturar modos de existência axiomatizados pelo sistema capitalista. Desta forma, essa crítica expõe alguns perigos de um projeto educacional, ao articularmos de forma estruturalista, a rigidez das intencionalidades pedagógicas ligadas às a produção de subjetividades produtivistas, racionalistas e estreitamente vinculadas ao capitalismo.

Nessa perspectiva, que tal pensarmos em projetos educacionais que buscam por uma subjetividade dissidente, que não se submete ao Estado, que, tal como um nômade, investe sempre que possível no espaço e tempo lisos ao promover uma relação de afetos com os desejos. Por consequência, uma Educação Física que trata as práticas pedagógicas e corporais como máquinas de guerra, que ao evitar serem reterritorializadas pelo



Colégio Brasileiro de  
Ciências do Esporte  
Associado à SBPC



UnB Faculdade de  
Educação Física





capitalismo, promovem espaços-tempos lisos que permitem potencialização de intensidades, em um processo que denominamos de singularização da subjetividade.

## REFERÊNCIAS

BONETTO, P. X. R; VIEIRA, R. A. G. Aleturgia do currículo cultural na educação física: experiências pedagógicas potencializadoras de subjetividades não-fascistas. **Conexões**, Campinas, v. 19, n. 1, 2021.

BONETTO, P. X. R. **Esquizoexperimentações com o currículo cultural de Educação Física**. 2021. 336f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2021.

GEHRES, A. de. F. **Currículo cultural em educação física e a linguagem corporal: uma intervenção/cartografia a partir da dança na contemporaneidade**. Relatório de pós-doutorado, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2019.

GUATTARI, F; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

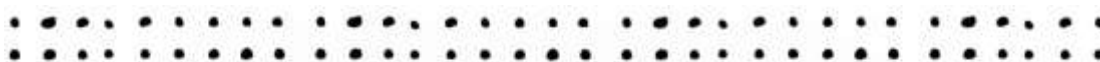
ROLNIK, S. A intelectual atormentada. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, p. 24-27, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000500011>. Acesso em 10 de maio de 2023.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2016.

ROLNIK, S. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

VIEIRA, R. A. G. **Conceitos em torno de uma Educação Física menor: possibilidades do currículo cultural para *esquizoaprender* como política cognitiva**. 2020. 244f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2020.

VIEIRA, Rubens Antônio Gurgel. **Educação Física Menor**. Jundiaí: Paco, 2022.



Colégio Brasileiro de  
Ciências do Esporte  
Associado à SBPC



UnB

Faculdade de  
Educação Física

